

O gênero e-mail pessoal em língua inglesa: descrição e discussão teórica

Marta Cristina da SILVA
Raquel Santos LOMBARDI
Sara Rodrigues Vieira de PAULA
Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: *A partir de alguns conceitos básicos de teorias de gênero, este artigo visa descrever o gênero e-mail pessoal em inglês, como parte de um projeto em andamento que tem implicações pedagógicas. Os dados foram coletados em 30 e-mails escritos por keypals de diferentes países. Nossa análise focaliza os aspectos sociais e culturais do gênero (principalmente o conceito de propósito comunicativo), mas também considera a linguagem e as convenções formais utilizadas. Na conclusão, apontamos que uma das principais características desse gênero é justamente seu caráter híbrido.*

Palavras-chave: *teorias de gênero; descrição de e-mails; correspondência entre keypals.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa em andamento que tem por objetivo investigar o uso do gênero *e-mail* pessoal e o ensino de leitura em língua estrangeira. Neste primeiro momento, nosso objetivo específico foi fazer uma caracterização do gênero *e-mail*, visando buscar posteriormente a transposição didática desse gênero para o contexto de sala de aula. A partir da reflexão sobre o próprio conceito de gênero e sobre o gênero *e-mail* em especial, temos por finalidade elaborar uma seqüência didática e aplicá-la em uma turma de inglês a ser escolhida como objeto de investigação no âmbito do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Para desenvolver um trabalho que integre leitura e produção escrita, pretendemos criar condições para que os estudantes brasileiros correspondam-se com falantes estrangeiros através do *e-mail* em inglês.

Antes de chegar a essa etapa, entendemos que seria preciso verificar qual o processo mais adequado para que tal comunicação pudesse ocorrer de forma menos artificial. Partimos, então, para uma

pesquisa empírica, que teve como sujeitos iniciais as próprias pesquisadoras (alunas de Letras, bolsistas de Iniciação Científica, num nível de inglês intermediário), interagindo com falantes de língua inglesa do mundo todo.

Nessa parte inicial de nossa pesquisa, escolhemos a comunicação entre *keypals* ou *pen pals* – utilizaremos os dois termos, ao longo do artigo, como sinônimos – para levantarmos dados sobre o gênero *e-mail*. São chamadas de *keypals* pessoas que se tornam amigas através de *e-mails*, não se conhecem pessoalmente e, na maioria das vezes, nunca se conhecerão. Utilizamos o *site* www.penpalworld.com para nos correspondermos com estrangeiros através do inglês. Atividade antes materializada pelas cartas, em programas como o *International Pen Friends*, hoje acontece também pela Internet. Esse levantamento auxiliará no processo de caracterização para conhecermos melhor o gênero com o qual pretendemos trabalhar em sala de aula com os estudantes de língua inglesa.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao iniciarmos este trabalho, focalizamos, primeiramente, a concepção de gênero textual. Reconhecemos que tal conceito, apesar de amplamente discutido, ainda continua em aberto, sendo de difícil definição. Entretanto, estudiosos como Swales, Bakhtin e pesquisadores do Grupo de Genebra (Dolz e Schneuwly, por exemplo) oferecem significativas contribuições para a discussão em torno desse conceito. Neste breve estudo, voltamos nossa atenção, principalmente, para os aportes teóricos de Swales e Bakhtin.

O modelo sócio-retórico de Swales (1990) apresenta, inicialmente, como característica central na definição de gênero o conceito de propósito comunicativo. O autor oferece a seguinte definição:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Tais propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade discursiva de origem e, portanto, constituem o conjunto de razões para o gênero. Essas razões moldam a estrutura esquemática do discurso e influenciam e impõem limites à escolha de conteúdo e estilo. (Swales, 1990, p.58).

Segundo essa conceituação, é o propósito que modela o gênero, sendo o responsável pela fixação de sua estrutura interna, estabelecendo limites quanto às possibilidades de ocorrências lingüísticas e retóricas. Na sua visão de gênero, o autor também considera, como aspecto fundamental, a noção de comunidade discursiva. Dentro de uma comunidade discursiva, estão inseridos aqueles que possuem certo domínio sobre os gêneros nela existentes, sendo, então, capazes de utilizar as convenções comunicativas e pragmáticas dessa comunidade. De acordo com o autor, os membros de uma comunidade discursiva compartilham um mesmo propósito comunicativo. Swales aponta, ainda, como característica dessa comunidade, o uso de um mesmo léxico. Cada comunidade discursiva apresenta um léxico repleto de termos que possuem significados específicos. Esse léxico, cujo sentido pode ser de difícil compreensão fora da comunidade, é compartilhado pelos seus membros e expressa idéias relevantes para os seus objetivos.

Em obra posterior, Swales (1998, 2001) analisa novamente esses conceitos, rediscutindo alguns de seus aspectos. Com relação ao propósito comunicativo, o autor revê a sua centralidade na definição do gênero, uma vez que se pode verificar a existência de gêneros diferentes com o mesmo propósito e de um mesmo gênero com propósitos comunicativos diversos. Retomando a concepção de comunidade discursiva, o autor reavalia a abrangência e a circularidade do conceito, já que constata que nem todas as comunidades são discursivas (no sentido originalmente usado em 1990) e que nem todos os discursos conseguem ser enquadrados em uma dada comunidade. Além disso, nota que uma comunidade aparentemente unida pelos mesmos interesses pode não constituir realmente uma comunidade discursiva devido ao fato de os membros apresentarem propósitos bem diferentes. Por exemplo, um grupo de estudos sobre gêneros textuais pode ter finalidades diversas, embora investigando um mesmo objeto. Apesar dessas novas reflexões, esses dois conceitos não deixaram de ser relevantes para a definição dos gêneros. Pelo contrário, na perspectiva de Swales e na visão que aqui assumimos, o propósito comunicativo continua sendo considerado como um dos principais critérios definidores.

A teoria enunciativa de Bakhtin, que nos mostra uma concepção de linguagem que focaliza o social, o histórico e o cultural, sem negligenciar os aspectos lingüísticos, também contribui de forma

muito positiva para elucidar o conceito de gênero. Afastando-se das teorias que vêem o gênero como uma fórmula textual, Bakhtin (1997, p.279) afirma que “qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que chamamos de gêneros do discurso”. O autor entende que os gêneros discursivos são caracterizados como formas específicas de uso da língua, intimamente relacionadas às esferas de atividade humana. A visão bakhtiniana, portanto, associa a noção de gênero ao social, às atividades humanas, o que interessa particularmente à nossa pesquisa.

Bakhtin atenta, também, para o fato de que os enunciados são sempre construídos para irem ao encontro de uma resposta. Quando dizemos ou escrevemos algo, esperamos uma ação/reação de nosso interlocutor, uma resposta deste, a qual pode se manifestar, por exemplo, em uma aceitação ou recusa, concordância com que foi ouvido ou lido ou discordância. Essa resposta mostra-nos que houve uma compreensão responsiva ativa por parte do receptor, já que ele não reage passivamente. Em outras palavras, Bakhtin vê no interlocutor uma figura ativa, a qual assume uma atitude responsiva ativa durante toda a interação, não se prendendo apenas à decodificação da mensagem.

Além de Swales e Bakhtin, aqui brevemente mencionados, muitos outros estudiosos, de diferentes linhas teóricas, têm buscado uma reflexão mais profunda acerca dos gêneros textuais. Sendo assim, a noção de gênero textual perpassou os tempos e ganhou, com o avanço das tecnologias, outros aspectos. Com a intervenção maciça dos computadores e, mais especificamente, da Internet em nossa vida cotidiana, tornou-se relevante, para todos os que se preocupam com a linguagem, o estudo dos gêneros emergentes no meio digital.

Marcuschi (2004, p.13) pontua que “os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade quanto na escrita”. A tecnologia digital depende, em grande parte, da escrita, mas isso não constitui um obstáculo para as interações mediadas por computador, pois esse meio é marcado pela alta velocidade na transmissão dos dados. O autor enumera doze gêneros digitais: *e-mail*, *chat* em aberto, *chat* reservado, *chat* agendado, *chat* privado, entrevista com convidado, *e-mail* educacional, aula *chat*, vídeo-conferência interativa, lista de discussão, endereço eletrônico e *weblog*.

De todos esses, o gênero *e-mail*, objeto de nosso estudo, é, provavelmente, o mais utilizado em nossas práticas sociais.

No que concerne à origem do gênero *e-mail*, Paiva (2004, p.72) nos diz que “o *e-mail*, ou mensagem eletrônica, surgiu em 1971, quando Ray Tomlinson enviou a primeira mensagem de um computador para outro, usando o programa SNDMSG, que ele acabara de desenvolver”. A autora vê o *e-mail* como

[...] um gênero eletrônico escrito, com características típicas de memorando, bilhete, carta, conversa face a face e telefônica, cuja representação adquire ora a forma de monólogo, ora de diálogo e que se distingue de outros tipos de mensagens devido a características bastante peculiares de seu meio de transmissão, em especial a velocidade e a assincronia na comunicação entre usuários de computadores. (Paiva, 2004, p.77).

Dessa maneira, podemos caracterizar formalmente o *e-mail* pessoal como um gênero que apresenta a forma de um memorando, mesclando características de gêneros orais – como a objetividade e a rapidez da conversa espontânea – e escritos – como a informalidade e a predominância de poucos tópicos de um bilhete. Esse gênero capaz de originar diferentes textos possibilita-nos tratar dos mais diversos temas. Em *sites* de relacionamentos como o que utilizamos para nossa coleta de dados, podemos encontrar, nas mensagens eletrônicas, em geral, temas relacionados à vida pessoal dos usuários e ao país em que residem, além de temas como futebol, música, atividades profissionais, cinema, relacionamentos, e uma série de outros assuntos.

Entre as pessoas que utilizam esse gênero, há, de um modo geral, uma relação não-hierárquica. De acordo com Marcuschi (2004, p.39), os interlocutores do correio eletrônico são, geralmente, “conhecidos ou amigos e raramente ocorre o anonimato, o que é uma violação de normas do gênero (tal como uma carta anônima)”. No entanto, a existência de *e-mails* institucionais mostra-nos que pode haver certa distância social entre os interlocutores.

Os usuários do gênero *e-mail*, na maioria das vezes, seguem as convenções desse gênero, fazendo com que a interação seja bem-sucedida. Atualmente, já existem normas específicas para escrever *e-mails*; são as chamadas “netiquetas”, que seriam etiquetas ou convenções que têm por objetivo orientar os usuários de *e-mails* em geral sobre como proceder e se comportar na interação virtual.

As pesquisas de Paiva (2001, 2004) e Marcuschi (2002, 2004), em especial, forneceram subsídios para a nossa análise em relação à informalidade dos *e-mails*, à não-observância de regras ortográficas, à presença ou não de *emoticons* e ao uso de fechamentos, aberturas e assinaturas. Baseamo-nos nesses levantamentos feitos anteriormente em língua portuguesa para verificarmos a presença de certas partes constituintes dos *e-mails*, quando comparados com cartas ou bilhetes, e também peculiaridades do gênero.

CONTEXTO DA PESQUISA

Analizamos alguns aspectos dos *e-mails* coletados na comunicação entre as bolsistas do projeto de pesquisa (Iniciação Científica) e os vários *keypals* falantes de inglês, nativos ou não. O material examinado é composto por trinta *e-mails* escritos por correspondentes de vários países – Austrália, Argélia, Turquia, Gana, Estados Unidos, Singapura, Dinamarca, Canadá, Coreia, Papua Nova Guiné, Tailândia e Inglaterra –, tendo sido aqui focalizados os textos produzidos pelos participantes estrangeiros.

Em uma primeira parte, preocupamo-nos em estudar algumas questões relacionadas à fundamentação teórica que nos auxiliou neste trabalho, levantando, assim, quais seriam os propósitos comunicativos dos *keypals*, os temas mais frequentes, a relação entre os participantes, a existência de uma compreensão responsiva ativa por parte deles, a preocupação desses usuários em seguir as convenções do gênero e ainda a existência ou não de uma comunidade discursiva. A segunda parte da análise tenta mostrar certas características formais relacionadas à linguagem do gênero *e-mail*, tais como informalidade, contrações (*contractions* ou *short forms*), marcas de oralidade, abreviaturas e inobservância de regras gramaticais. Em seguida, analisamos aspectos que dizem respeito principalmente à comparação com certas peculiaridades da carta e também do bilhete, como assinatura, abertura ou cumprimento, fechamento ou despedida e o tamanho do *e-mail*, ou seja, sua extensão.

Algumas dessas questões em relação ao gênero *e-mail* já foram salientadas por diferentes pesquisadores no cenário brasileiro, mas destacamos neste estudo, como mencionado anteriormente, os trabalhos de Marcuschi (2004) e Paiva (2004). Embora esses autores já tenham desenvolvido pesquisas na mesma direção, esperamos que a análise do nosso *corpus* em inglês possa contribuir para a

investigação sobre o gênero e, mais especificamente, sobre o uso do *e-mail* em aulas de língua estrangeira, um aspecto que poucos estudos abordam. É importante ressaltar que esta é uma pesquisa em andamento, e que não temos a pretensão de enumerar critérios exaustivos para classificar o gênero *e-mail* produzido em língua inglesa, nem isso poderia ser nosso objetivo, uma vez que, segundo a visão bakhtiniana em que nos apoiamos, os gêneros caracterizam-se justamente por sua “relativa” estabilidade, o que torna sem sentido qualquer tentativa de definição acabada. De qualquer forma, espera-se que este esforço de caracterização possa contribuir para uma reflexão mais aprofundada sobre o gênero.

ANÁLISE DOS DADOS

Focalizando a dimensão social do gênero

Além da estrutura formal e lingüística dos *e-mails* coletados, consideramos fundamental a análise de outros aspectos abordados nos pressupostos teóricos que norteiam este trabalho. Esses aspectos estão relacionados, basicamente, à função exercida pelo gênero *e-mail* em nossa vida e à forma como lidamos com esse gênero em nossas práticas sociais. Sendo assim, não pudemos deixar de examinar a noção de propósito comunicativo, que desempenha um papel muito importante na perspectiva sócio-retórica de Swales.

Entendendo tal noção como a finalidade do texto no âmbito de um evento comunicativo e percebendo que esse conceito está relacionado ao conteúdo temático, verificamos os propósitos mais frequentes dos *e-mails* analisados. Notamos que a maioria das mensagens eletrônicas em nosso *corpus* apresenta o propósito de estabelecer contato, interagir, entreter. Esse propósito manifesta-se mediante pedidos de informações sobre a vida do interlocutor ou, simplesmente, através de afirmações que demonstram o desejo de interagir novamente, como podemos ver nos exemplos 1, 2, 3 e 4.

Ex. 1: *Tell me more about yourself. I'm a patient reader so feel free yrself to write longly as you like.*

Ex. 2: *How are u? I want to know more about you...*

Ex. 3: *I love animals. I like to read a lot. I go to school and work at a Doctor's office. I would like to talk*

Ex. 4: *I would like us to be good friends and use my e-mail xxxxxxxx@yahoo.com to send me more mails...*

Esses *e-mails* trocados entre *pen pals* podem apresentar, ainda, diversos propósitos comunicativos. Em nossa análise, constatamos também os propósitos de conhecer a cultura do interlocutor (fazer uma troca cultural) e de fazer novas amizades, como podemos notar nos exemplos 5, 6, 7 e 8.

Ex. 5: *Does every city in Brazil have the carnival, or is that only held in Rio de Janeiro?*

Ex. 6: *it was about a soldier that was stationed in Brazil and while there learned the martial technique of Capoeira. Do many people there practice this interesting art form?*

Ex. 7: *My hometown is Seoul, Korea but I'm here for 5 years for my studying. I want to be your friend and get a good friendship.*

Ex. 8: *I am looking for nice people to be friend...*

Ainda com relação aos propósitos verificados em nosso *corpus*, parece-nos interessante destacar três *e-mails* em especial, que nos chamaram a atenção por diferenciarem-se bastante dos demais. O primeiro deles constitui-se de uma longa mensagem que tem como objetivo começar uma discussão sobre os prazeres da vida. O segundo, divergindo dos propósitos convencionalmente esperados, oferece uma ajuda quanto ao aprendizado da língua inglesa. Já o terceiro evidencia um interesse por discussões na área de literatura (em resposta a uma das bolsistas, que havia informado cursar disciplinas de literatura na universidade). Podemos perceber essas proposições nos exemplos 9, 10 e 11:

Ex. 9: *I would like to start an open discussion about the simple pleasures of life. The things and events that matter the most to us.*

Ex. 10: *Perhaps i can help you with your englis although i am not that good myself ha*

Ex. 11: *I love reading myself so maybe we can talk about that.*

Os temas aqui observados normalmente giram em torno de informações pessoais, como atividades preferidas, profissão e dados sobre o país em que moram os interlocutores, evidenciando-se uma ligação entre propósito comunicativo e tema. No entanto, como vimos pelos últimos exemplos, embora pareça haver uma base de conteúdos comuns, não se pode falar propriamente de uma uniformidade temática na intercomunicação entre os *keypals*.

A relação entre os interlocutores dá-se, no *corpus* em questão, de forma não-hierárquica, sendo semelhante à relação entre amigos. Apesar de os interlocutores serem desconhecidos, vale lembrar que a principal finalidade de quem se cadastra em um *site* como este (www.penpalworld.com) é justamente esta: conhecer pessoas, fazer novos amigos. Em nenhum dos casos foi constatado um relacionamento anônimo. Tal fato poderia ser encarado como uma transgressão às normas do gênero.

A preocupação dos usuários em seguir as normas e convenções do gênero também foi alvo de nossas investigações. De modo geral, percebemos que não ocorreram problemas que pudessem afetar a interação. Os interlocutores demonstraram dominar o gênero, obedecendo em grande parte às suas convenções, como por exemplo: o uso de uma linguagem mais próxima da oralidade; o respeito a algumas “netiquetas” (normas de interação), tais como não escrever toda a mensagem em caixa alta, para não parecer que se está xingando ou gritando; e usar aberturas, fechamentos e assinaturas (embora alguns *e-mails* não apresentassem esses itens). Há certo respeito quanto ao número de linhas das mensagens; os usuários de nosso *corpus* foram, em sua maioria, breves e objetivos, sendo que, em dez *e-mails*, comunicaram-se em cerca de duas ou três linhas apenas. O uso de abreviaturas é bastante freqüente, ocorrendo ainda, em onze *e-mails*, a inserção de *emoticons* (desenhos ou combinações de símbolos que tentam reproduzir sentimentos e emoções).

Um aspecto que poderia influenciar a interação diz respeito ao fato de o inglês ser a língua materna dos usuários ou uma segunda língua. Neste estudo, verificamos que tal questão não interferiu de forma significativa na comunicação entre os *pen pals*, uma vez que pessoas que tinham a língua inglesa como língua estrangeira corresponderam-se com falantes nativos de maneira bastante satisfatória, demonstrando uma compreensão responsiva ativa, tal como entendida por Bakhtin. Esse fato parece demonstrar que os interlocutores apresentam uma competência intercultural, a qual, de acordo com Paiva (2004, p.79), pode ser compreendida como “a capacidade de interagir com pessoas de outra cultura em língua estrangeira procurando formas de interação que não gerem constrangimentos e nem agridam ao interlocutor [...]”. Entretanto, reconhecemos que dificuldades mais propriamente lingüísticas (como as de ordens sintática e semântica) podem afetar a interação entre os usuários, mas essa questão foge ao escopo do presente trabalho.

A análise desses dados remeteu-nos, ainda, à noção de comunidade discursiva, outro conceito-chave em Swales, além do conceito de propósito comunicativo. Ao analisarmos os propósitos dos *e-mails*, o domínio das convenções do gênero pelos usuários e outros fatores explicitados acima, perguntamo-nos se os interlocutores desses *e-mails* estariam inseridos em uma comunidade discursiva. O fato de os usuários estarem em contato com o mesmo gênero e, por isso, conhecerem e dominarem as suas convenções, enquadra-os, a princípio, numa comunidade. Além disso, temos aqui uma outra característica desse conceito, a qual se refere ao léxico pertencente a cada comunidade discursiva, com seus termos que apresentam significados específicos. Torna-se evidente, nos *e-mails*, a existência de uma linguagem própria, repleta de termos típicos que possibilitam a comunicação entre os interlocutores. Como afirma Galli (2004, p.122), “todo usuário da Internet, de uma maneira ou de outra, acaba compreendendo o conjunto da rede e os termos que determinam seu conteúdo e funcionamento”. Num nível macro, os usuários parecem compartilhar os mesmos objetivos, como defende Paiva (2004, p.78):

Os usuários formam uma comunidade discursiva que pressupõe uma competência comunicativa compartilhada com objetivos comuns (passar tempo, aprendizagem, etc), obediência a netiquetas e a orientação de moderadores, no caso de listas de discussão ou fórum. A competência comunicativa implica as competências pragmática, tecnológica e intercultural.

Entretanto, os dados analisados demonstram a grande diversidade de propósitos comunicativos que esses *e-mails* podem apresentar, o que nos faz questionar a aplicabilidade dessa noção de comunidade discursiva nesse contexto específico.

Em nosso *corpus*, apesar de os interlocutores, muitas vezes, estarem em torno de um mesmo tópico de interesse ou apresentarem o mesmo tema, não se pode reduzir os exemplos coletados a um único propósito compartilhado por todos os usuários. A identificação de propósitos mais explícitos e socialmente compartilhados não significa que não haja outras finalidades subliminares. Sendo assim, podemos dizer que algumas características da comunidade discursiva mantêm-se bem claras, enquanto outras divergem, fato que não nos permite, com esse *corpus*, chegar a uma resposta definitiva sobre a existência ou não de uma comunidade entre os *pen pals*.

A análise da interação entre esses interlocutores leva-nos, por fim, à teoria enunciativa de Bakhtin. O receptor de um *e-mail*, ao enviar outro como resposta, demonstra que está reagindo de alguma forma àquele enunciado; em outras palavras, mostra-nos que está sendo capaz de responder aos propósitos comunicativos do seu interlocutor. Verifica-se, então, um processo de compreensão responsiva ativa entre *pen pals*. Os usuários não reagem passivamente; pelo contrário, adotam uma atitude responsiva ativa, manifestando suas opiniões, buscando complementar a informação, aceitando ou refutando o que lhes foi apresentado. Bakhtin (1997, p.291) afirma que “cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte”, ou leitor, acrescentaríamos. Tal afirmação aplica-se bem ao caso da troca de *e-mails* aqui estudada, sendo possível dizer que cada mensagem eletrônica desse *corpus* é enviada visando à atividade de seu receptor, ou seja, à resposta deste.

Com esta análise sob um viés sociocultural, esperamos ter contribuído, de alguma forma, para a elucidação de questões relacionadas ao gênero *e-mail*, um gênero digital que, apesar de ainda pouco estudado na perspectiva do ensino, está cada vez mais presente em nossa vida.

Focalizando a descrição lingüística do gênero

Embora tenhamos conferido mais ênfase à análise da situação de produção e de circulação dos *e-mails*, à sua função e relevância social, nesta segunda parte, pretendemos enumerar as principais características lingüístico-textuais do gênero conforme os dados coletados. O *e-mail* é uma comunicação de caráter assíncrono, o que significa dizer que estabelece uma interação com uma defasagem de tempo entre a produção e a recepção da mensagem. Esse aspecto faz com que os *e-mails* distingam-se dos bate-papos virtuais (*chats*), mas ambos os tipos de comunicação possuem características bem similares, como as que analisaremos.

a) Informalidade e aproximação da oralidade

Como uma das características dos textos dos *e-mails* que constituem nosso *corpus*, observamos a informalidade da escrita, traço já apontado em pesquisas feitas anteriormente (como em Alves, 2001). Em um primeiro momento, salientamos as contrações, que são bastante comuns na linguagem informal da língua inglesa. Alguns exemplos:

I'm, you're. Além das contrações, surgem ao longo dos e-mails estruturas que omitem verbos auxiliares em frases interrogativas como: *you study?* em vez de *Do you study?*

Encontramos também palavras nas quais faltavam letras; já em certos casos, percebemos que algumas letras ou até mesmo palavras inteiras eram substituídas por algarismos, ocorrendo, além disso, a troca de uma letra por outra. Esse procedimento, em geral, tenta de alguma forma aproximar a escrita da oralidade, além de, claro, ser um artifício para uma digitação mais veloz. Entre colchetes, em todos os exemplos, estarão as formas usadas nos e-mails com as grafias correspondentes. Destacamos os exemplos de número 12 até 20:

Ex. 12: *standard of living is also very high becoss everything here talks [...]* [because]

Ex. 13: *thank for ur mail and am now very happy for u [...]* [thanks, your, you]

Ex. 14: *allowed in the kitchen cos my mum [...]* [because]

Ex. 15: *if you would not min? [...]* [mind]

Ex. 16: *i'm gr8 honor 2 me 2 b friends [...]* [great, to, be]

Ex. 17: *i like 2 go 2 cinema [...]* [to]

Ex. 18: *4 example [...]* [for]

Ex. 19: *i luv english [...]* [love]

Ex. 20: *i like watchin new movies [...]* [watching]

Esse tipo de comportamento mostra a informalidade dos e-mails trocados, que pode ser consequência da falta de hierarquia entre os correspondentes, seja profissional, social ou familiar. Isso permite que o gênero seja escrito com uma linguagem mais informal e também mais próxima da oralidade, já que, nas mensagens analisadas, nenhum *keypal* possuía algum posto de comando em relação ao outro, todos se apresentaram apenas como pessoas interessadas em se comunicar em inglês, inclusive as bolsistas, que, além de pesquisadoras, são aprendizes de língua inglesa.

Outro aspecto notado foi a repetição de vogal para indicar o alongamento do som, para dar ênfase, assim como acontece em uma conversa face a face:


Ex. 21: *I like sooo many more things but I guess [...]*


Afora tentarem reproduzir a entonação e a pronúncia através da escrita, os *pen pals* e usuários de e-mails em geral lançam mão de sinais de pontuação, tais como dois-pontos, hífen e parêntese, e


algumas letras como o “D” maiúsculo, que representa um sorriso, para tentar expressar aspectos paralingüísticos e suprasegmentais. Demonstram, assim, alegria, tristeza e todos os tipos de emoções e sentimentos – que, em conversa presencial materializam-se pelas expressões faciais – por meio dos *smileys* ou *emoticons*, que são ícones, como já dito, cuja função é representar sentimentos e emoções. Figuram-se até gestos, como no exemplo 24, que representa um adeus, complementando o “goodbye”, escrito antes dele. Dos trinta *e-mails* analisados, onze apresentaram a inserção de *emoticons*, como podemos ver nos exemplos que vão do número 22 até o 26:

Ex. 22: *I hope you send me a message. :-)*

Ex. 23: *I’ d like to! :D*

Ex. 24: *[...] and goodbye* 

Ex. 25:  *thanx for ur mail and am now [...]*

Ex. 26: *Ps. so nice to meet you...* 

Outro fator que ajuda a aproximação dos *e-mails* de uma conversa face a face é a reprodução de sons de emoções e risadas, como nos exemplos 27 e 28.

Ex. 27: *management and finance and investment....yup!*

Ex. 28: *....cooking? haha....i dont really know how to cook*

b) Inobservância de regras ortográficas e abreviaturas

Essas características serão analisadas em conjunto, pois, provavelmente, em vários exemplos, estão relacionadas à questão da velocidade de digitação. Muitas vezes, as abreviaturas e erros ortográficos são causados pela rapidez com que se escreve a mensagem, que, em diversos casos, não sofre qualquer tipo de correção pós-produção, mesmo com a possibilidade de releitura do texto escrito. Mas é aceitável no gênero – pelo menos na troca de *e-mails* entre correspondentes que não façam parte de uma hierarquia – que se “erre”, por ele ter um caráter informal. Como se pode ver, a informalidade é um dos aspectos principais analisados nesses *e-mails*, porque ela permeia, de algum modo, todas as características que observamos e, de certa forma, permite esses aspectos. A digitação, normalmente mais rápida que a escrita, pode tornar-se ainda mais veloz com as abreviações. Os exemplos mencionados também

apresentam formas de se abreviar uma palavra para diminuir o tempo gasto na preparação do *e-mail*, mas possuem a peculiaridade de se aproximarem da pronúncia das palavras. O exemplo 29 mostra que, mesmo quando os fonemas distanciam-se mais da grafia, as abreviações são recursos utilizados:

Ex. 29: *what abt your country?* [about]

É interessante notar que isso não acarreta prejuízo algum à compreensão de quem lê a mensagem. Uma possível explicação é que, embora distantes, os interlocutores podem contar com o co-texto imediato das palavras e com o próprio contexto.

No que diz respeito à inobservância de regras ortográficas, encontramos vários exemplos que podem sugerir a velocidade da digitação da mensagem ou, também, o não-conhecimento de tais regras, uma vez que nem todos os *pen pals* são falantes nativos de língua inglesa.

O uso de letras maiúsculas no começo das frases, em nomes de países, estados e de pessoas muitas vezes foi ignorado (exemplos 30-32).

Ex. 30: *hi sara.... i'm sorry that my answer was late 2 but i promise i won't answer late again*

Ex. 31: *im (XXXX) from singapore*

Ex. 32: *You know philadelphia?*

Isso, entretanto, não constituiu um elemento presente em todo o *corpus*. Outra característica levantada é a omissão do pronome de primeira pessoa do singular (I), ou então, o uso desse pronome em letra minúscula (exemplos 33-35).

Ex. 33: *i want to know more about you [...]*

Ex. 34: *can i be your friend or perhaps pen pal? [...]*

Ex. 35: *am 21 years*

A omissão do apóstrofo também foi bastante recorrente, como podemos verificar nos exemplos de número 36 até 40, que também mostram contrações.

Ex. 36: *its nice to meet you*

Ex. 37: *I will be a science teacher since thats my area of study*

Ex. 38: *whats your postal address?*

Ex. 39: *.im (XXXX) from singapore...*

Ex. 40: *i dont know anything about Brazil*

Em outros *e-mails*, observamos a ocorrência de alguns comportamentos que, acreditamos, sejam conseqüências da velocidade empregada na hora de digitar a mensagem. Nos exemplos 41, 42 e 43, aconteceram respectivamente: a omissão de uma letra; no lugar da letra inicial, colocou-se outra que não pertence à grafia original da palavra; e a inversão na ordem das letras que compõem o vocábulo. No segundo caso, ao ler o trecho destacado, certificamos que a intenção do *pen palera* escrever “*for*”, mas ele escreve “*dor*”, comprovando que o lapso deu-se pela rapidez da digitação, uma vez que, nos teclados computacionais, a letra “*f*” fica no lado da letra “*d*”, facilitando a troca de uma letra pela outra por causa da proximidade entre elas.

Ex. 41: *some thing about ghana if u repy this mail* [reply]

Ex. 42: *THANKS DOR UR MAIL.* [for]

Ex. 43: *I like everything cute (stationary, pens, stickers ect)* [etc]

Igualmente foram encontrados erros ortográficos que poderiam ter ocorrido por desconhecimento da grafia correta, segundo a norma padrão, já que não se tratava de falantes nativos de inglês (exemplo 44).

Ex. 44: *well Denmark to be more presize.* [precise]

Em muitos casos, a linguagem do *e-mail* não foi monitorada e não sofreu revisões para possíveis correções, o que é considerado aceitável se levarmos em conta o tipo de interação que é próprio desse gênero específico. Já vários textos coletados apresentaram uma maior elaboração lingüística, maior preocupação em seguir padrões sintático-semânticos, obedecendo às regras de ortografia, não exibindo o artifício das abreviaturas, como nos exemplos 45 e 46:

Ex. 45: *Thanks for writing. A little about me, I live in North Carolina in the USA. I work in the computer department of a local hospital and recently bought a motorcycle.*

Ex. 46: *I hope to hear from you again. I love talking to new people and finding out what it's like living in different places around the world.*

As contrações, por sua vez, estiveram presentes em todos os e-mails, mostrando a predominância do uso de uma linguagem mais informal.

A RELAÇÃO DO E-MAIL COM OUTROS GÊNEROS

Procuramos observar também a ocorrência ou não de certas características nos e-mails quando comparados às cartas e aos bilhetes, como assinatura, abertura (cumprimento), fechamento (despedida) e a extensão do e-mail. De acordo com Marcuschi (2004, p.28), o correio eletrônico possui “formas de produção típicas e já padronizadas”, e acreditamos que o teor dessa afirmação seja um consenso entre os estudiosos, uma vez que a forma do e-mail é fornecida pelo programa de envio de mensagens. Mas o e-mail é um gênero que, conforme defende Marcuschi (2004, p.30), apresenta “contrapartes pré-existentes”, como a carta, o bilhete e o correio. Paiva (2004, p.77) compartilha dessa opinião, dizendo que o e-mail reúne características de gêneros tais como o memorando, o bilhete, a carta e a conversa face a face e por telefone, como mencionado na fundamentação teórica.

Levaremos em conta apenas as características que se referem ao corpo da mensagem. Faremos uma comparação entre o que recomendam certas “netiquetas” e o comportamento dos *pen pals* em relação a elas.

Uma dessas convenções diz respeito ao uso de assinaturas, aberturas e fechamentos. Observamos que, na análise dos trinta e-mails, dezoito correspondentes assinaram as mensagens, e um total de dezenove escreveu algum tipo de abertura – *Hi* ou *hi* (10), *hey* (3), *hello* (3), *how are u?* (1), *Hello Dear* (1) e *hey! hi...!* (1).

Houve um grande número de *pen pals* que fizeram menção aos fechamentos e despedidas, totalizando vinte e sete participantes. Consideramos como fechamento todo tipo de alusão ao término da mensagem. Nesse aspecto analisado, o tipo de estrutura usada variou bastante, seguindo-se alguns exemplos: *It would be nice to hear back from you; Looking forward to hearing from you; write me soon ! :); Waiting for your replay; Talk to you soon; bye bye; Tchau!; see you; Lots of Love; All the best for you... Yours[...] Have fun, and I can't wait to talk to you again!; Have a nice time!*

As “netiquetas” também recomendam que se limite o tamanho do e-mail. Em uma análise que faz da extensão dos gêneros em

ambientes virtuais, Marcuschi (2004, p.34) acredita que um dos parâmetros para se identificar o *e-mail* é que esse tipo de gênero, na maioria das vezes, constitui-se de uma mensagem curta. Porém, nos trinta *e-mails* coletados, encontramos mensagens com apenas uma linha e mensagens com até 38 linhas, ou seja, a extensão do texto variou bastante, sendo a média em torno de nove linhas. Isso significa que, embora as convenções estabelecidas para o gênero indiquem que os *e-mails* devam ser concisos e objetivos, tais convenções não precisam ser rigidamente seguidas, justamente pelo caráter de maleabilidade próprio dos gêneros textuais. Acrescente-se a isso o fato de que estamos aqui focalizando o *e-mail* pessoal, que admite aos usuários uma liberdade muito maior do que no caso do *e-mail* institucional, por exemplo. Pensamos que os *e-mails* mais extensos aproximem-se do gênero carta, o que seria bem comum, uma vez que, antes de se usarem *e-mails* para a comunicação, os chamados *pen pals* historicamente utilizavam as cartas tradicionais para se corresponderem, o que era até estimulado por professores de inglês.

Outra “netiqueta” dispõe que não se deve escrever a mensagem em caixa alta, por dar a impressão de que se está gritando. Entretanto, um dos correspondentes escreveu a mensagem toda dessa forma, e não tivemos a sensação de que estivesse falando alto ou gritando, talvez pelo fato de ter mudado a cor da fonte, usando a cor azul, o que amenizou o efeito que a escrita em caixa alta causa em ambiente virtual. Esse tipo de procedimento foi chamado por Paiva (2004, p.78) de customização, recurso que o usuário pode utilizar para, além de outras ferramentas possibilitadas pelo *software*, mudar o tamanho e o tipo de fonte. A autora não faz referência à questão da cor, mas acreditamos que possa ser considerada também como um processo de customização. Em apenas dois dos *e-mails* analisados, foi utilizado esse tipo de ferramenta, mudando-se a cor e o tipo de fonte-padrão, usando-se a fonte *Comic Sans MS*. De qualquer modo, não são só aspectos formais que determinam o sentido dos atos de fala realizados pelos usuários da rede. Deve-se sempre levar em conta o contexto, já que o uso de caixa alta pode ser importante para dar o tom do discurso.

Com essa análise, acreditamos existirem dois fatores que influenciam a grande variação do tamanho dos *e-mails* observados, assim como a presença ou não de aberturas, fechamentos e assinaturas nessas mensagens. Primeiramente, partindo do pressuposto de que a informalidade é um traço essencial do gênero em questão,

acreditamos que, apesar das recomendações das “netiquetas”, o tamanho da mensagem e a escolha de se fazer ou não aberturas, fechamentos e assinaturas devam-se exatamente ao caráter informal que permeia esse tipo de relação entre autores e leitores. A falta de hierarquia entre os *pen pals*, reafirmamos, permite um comportamento mais livre em relação às “netiquetas” ou convenções de interação, sem haver a preocupação de segui-las rigidamente. Percebemos que não existem partes integrantes no corpo da mensagem que sejam obrigatórias. As únicas partes indispensáveis do *e-mail* são aquelas automaticamente preenchidas pelos programas de produção, como data, hora e endereço do remetente, e o endereço do destinatário, efetuado pelo próprio remetente. Em relação ao assunto, recomenda-se que este seja especificado para uma melhor identificação das mensagens, mas não é obrigatório, nem imprescindível para o envio do *e-mail*.

Além da informalidade, o principal fator que influencia essa possível falta de padrão, pelo menos no que diz respeito a um padrão de estrutura formal, é o próprio caráter híbrido do gênero *e-mail*, que traz consigo características de gêneros precedentes a ele, como já mencionado, ora se aproximando de uma ou outra “contraparte pré-existente”. Acreditamos que tal hibridismo deva ser tomado como um elemento de fundamental relevância na descrição do *e-mail*, na medida em que confere, a esse gênero digital, toda a sua riqueza e multifuncionalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em nossos estudos, podemos dizer que a troca de *e-mails* entre *pen pals* apresenta diversos propósitos comunicativos, possibilitando o tratamento de diferentes temas. Os usuários desse gênero, nesse caso pessoas que não se distanciam socialmente, mostram-nos ser capazes de utilizá-lo de forma satisfatória, seguindo, na maior parte das vezes, suas normas e convenções.

As informações obtidas com este trabalho não nos possibilitaram chegar a um consenso sobre a existência, ou não, de uma comunidade discursiva entre os *pen pals*. Certas características levaram-nos a reconhecer sua existência; entretanto, outras nos levaram a indagar sobre a aplicabilidade desse conceito em nosso *corpus* de análise. Foi-nos possível, no entanto, verificar que há uma compreensão responsiva ativa, tal como defendida por Bakhtin, no

que concerne a esse tipo de interação por *e-mail*. A troca de mensagens que analisamos permitiu-nos concluir que os correspondentes foram capazes de entender o que seus interlocutores estavam propondo, ou seja, compreenderam os seus propósitos comunicativos e conseguiram reagir/responder de forma adequada. A familiaridade com o gênero parece ter compensado as possíveis dificuldades no uso da língua inglesa.

De acordo com nossa discussão teórica, enfatizamos que o *e-mail* deve ser visto como um gênero eletrônico complexo que mescla características de gêneros orais e escritos, criando não propriamente uma nova forma de linguagem, mas um novo uso dela, uma vez que, por mais inovadores que sejam os aspectos dessa linguagem, não podemos afirmar que a estrutura da língua tenha sofrido modificações. O fato é que o *e-mail* tem se mostrado extremamente útil em nossas práticas sociais, mudando nossa relação com a escrita e proporcionando-nos uma forma de interação capaz de superar limitações de tempo e espaço.

No que diz respeito especificamente à linguagem dos *e-mails* trocados entre *pen pals*, a informalidade que o gênero permite nesse contexto de produção é o fator que entremeia todos os outros aqui analisados – contrações, inobservância de regras ortográficas, abreviaturas – porque é o caráter informal do *e-mail* que autoriza esse tipo de prática. A própria aproximação da oralidade se faz de forma espontânea, como uma conversa sem formalidades, uma conversa casual. Portanto, nas mensagens trocadas entre os *pen pals* participantes da pesquisa, a informalidade e o caráter híbrido do *e-mail* permitiram, dentro das possibilidades fornecidas pelo gênero, que existissem grandes variações na composição dos textos.

Se não há partes obrigatórias no corpo da mensagem, acreditamos que a ausência ou presença das características como abertura, fechamento e assinatura e a composição de mensagens curtas sejam apenas convenções, que, se não são rigidamente seguidas, não causam prejuízo ao propósito do gênero. As variações que encontramos em relação às convenções formais e de organização textual evidenciam justamente o caráter de maleabilidade dos gêneros. Além de dar mais um passo na caracterização do *e-mail*, os resultados do estudo contribuíram para fornecer subsídios para o ensino e produção desse gênero em língua estrangeira, possibilitando que, posteriormente, seguindo nosso objetivo principal, a elaboração de

uma seqüência didática seja baseada em seus usos reais e propicie ao aluno ter acesso, de fato, ao uso social do gênero, sendo capaz de responder adequadamente a seus propósitos.

REFERÊNCIAS

ALVES, S.C.O. Interação on-line e oralidade. In: PAIVA, V.L.M.O. (Org.). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: FALE; UFMG, 2001. p.126-145.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p.277-326.

GALLI, F.C.S. Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.120-134.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A.P. et al. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p.19-36.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.13-67.

PAIVA, V.L.M.O. Aprendendo inglês no ciberespaço. In: _____. (Org.). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: FALE; UFMG, 2001. p.270-305.

_____. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.68-90.

SWALES, J.M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. *Other floors, other voices: a textography of a small university building*. London: Lawrence Erlbaum, 1998.

_____. Issues of genre: purposes, parodies and pedagogies. In: MORENO, A.I.; COLWELL, V. (Org.). *Perspectivas recientes sobre el discurso/Recent perspectives on discourse*. León: AESLA-Universidad de León, 2001. p.11-26.

Recebido em agosto de 2006
e aceito para publicação em junho de 2007.

Title: *Personal e-mails in English: description and theoretical reflection*

Abstract: *Having as guideline some basic principles of genre theories, this paper aims at describing personal e-mails in English, as part of an ongoing project with pedagogical implications. Data were collected from 30 e-mails written by keypals from different countries. Our analysis focuses on the social and cultural aspects of the genre (mainly on the concept of communicative purpose) but also considers language and formal conventions. We conclude with the idea that one of the main features of this genre is precisely its hybrid nature.*

Keywords: *genre theories; describing e-mails; correspondence between keypals.*

